

os e a utilização de tecnologias e recursos externos podem minimizar o impacto do processo de envelhecimento sobre o sujeito.

Depois de apresentar, criticamente, este vasto e iluminante panorama teórico, António Manuel Fonseca termina o livro sintetizando os riscos, as oportunidades e os desafios adaptativos do envelhecimento. A visão positiva do envelhecimento e da velhice transmitida ao longo do livro, apresentando um conjunto de princípios e mecanismos implicados na adaptação individual ao processo de envelhecimento, substitui-se a uma visão muito pragmática do envelhecimento, o da 'capacidade de aceitar' (p.232). Neste sentido, ao longo do processo de envelhecimento, apesar da variabilidade inter- e intra-individual, é normal e esperado que existam perdas e também ganhos. É também normal que o declínio possa suceder em determinadas áreas (declínio de recursos biológicos, em particular), mas que, noutras áreas, se registre um crescimento (através do recurso a contextos sociais e culturais compensadores). Assim, a adaptação bem-sucedida às mudanças decorrentes do processo de envelhecimento dependerá não apenas 'do controlo que a pessoa exerce sobre a sua vida e sobre o seu desenvolvimento, mas também da sua capacidade para aceitar o que é inalterável e para se ajustar às circunstâncias que já não terá oportunidade de alterar' (p.232).

Fernanda Daniel

Instituto Superior Miguel Torga

Salomé Marivoet. 2006. Euro 2004: Um Evento Global em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte. 143 pp. ISBN: 972-24-1456-9

No final da década de 1980, surgiram os primeiros estudos, no domínio das ciências sociais, procurando compreender o significado social dos grandes eventos desportivos, no quadro de globalização. Nos últimos anos, este debate tem-se intensificado, permitindo uma maior compreensão crítica da plenitude deste fenómeno.

Após vários estudos publicados sobre os hábitos desportivos da população portuguesa e sobre a violência e ética no desporto, Salomé Marivoet, na presente obra, desenvolve uma abordagem sobre os grandes even-

tos de futebol nas sociedades contemporâneas e 'o seu impacto ao nível dos envolvimento produzidos em torno da afirmação de identidades nacionais ou culturalmente diferenciadas' (p.11). Tendo como estudo de caso um grande acontecimento desportivo, o Euro 2004, que teve lugar em Portugal, o livro começa com uma análise das interacções produzidas entre as dimensões política, ideológica, ética, desportiva, mediática e expressão de identidades. Na realidade, as diferentes formas de afirmação de identidade que se têm vindo a manifestar no contexto dos campeonatos europeus e mundiais de futebol, caracterizam-se por uma forte mobilização das populações em torno das suas equipas e por manifestações de exultação patriótica. A autora enfatiza que, para compreender as razões que estão na origem de um tão forte investimento por parte do estado português, na promoção e financiamento do Euro 2004, é fundamental compreender os interesses políticos e ideológicos que marcam, inerentemente, as práticas e discursos do futebol. Para além dos investimentos estatais, encontra-se, igualmente, o papel determinante dos media que, para além de estimularem fortemente o público a uma adesão em torno da selecção nacional, como uma *missão nacional*, promoveram Portugal como uma 'marca no mercado global'.

Neste sentido, a autora explora a capacidade transformativa que o futebol parece ser capaz de gerar, em termos de afirmação de novos valores. Socorrendo-se da abordagem de investigadores franceses, a propósito da idolatrização do jogador da selecção francesa de origem argelina, Zinedine Zidane, no âmbito do campeonato mundial de 1998 decorrido em França, Salomé Marivoet coloca em evidência as potencialidades do próprio futebol como veículo transmissor de novos valores e condutas, nomeadamente, no que respeita às questões de integração das minorias étnicas. No entanto, uma possível leitura, acerca desta força sócio-cultural do desporto moderno é a que, à semelhança do Carnaval – período no qual as normas vigentes parecem sofrer uma 'quebra' – as semanas em que decorre este tipo de eventos são caracterizadas por momentos de comunhão e de fraternidade entre todos, onde as diferenças culturais, económicas e sociais são 'abolidas'. Essa *comunidade imaginada* parece efémera, todavia, na medida em que, terminadas as competições, é como se 'tudo

voltasse ao que era dantes', ou seja, as hierarquias, as clivagens e tensões sociais voltam a reocupar o 'seu' lugar.

Em seguida, Marivoet, tratando, com algum pormenor, das dimensões que caracterizou como 'político-ideológica', 'ética' e 'comercial', procura realçar o papel dos grandes eventos desportivos na visualização das nações na ordem global. No caso português, tratava-se, essencialmente, de promover o país, numa clara mensagem que tanto era válida para 'dentro' como para 'fora' do espaço nacional, procurando transmitir a imagem de um Portugal modernizado, ultrapassando o estigma do Portugal salazarista, retrógrado e perdido no tempo. Na realidade, tal como é explorado pela autora, numa análise perspicaz, as próprias cerimónias de abertura e de encerramento do torneio, com coreografias alusivas a factos históricos, ao relembrares o papel dos portugueses na era dos descobrimentos, procuraram projectar o país na nova ordem mundial. Caravelas futuristas, ao som da guitarra portuguesa, seguidas de um momento musical protagonizado por Nelly Furtado, uma famosa artista pop canadiana, de origem portuguesa, reflectem num híbrido cultural, o novo e o velho, o tradicional e o moderno. A este propósito, seria interessante confrontar a perspectiva de Salomé Marivoet com a carga simbólica presente na final do campeonato, que opôs Portugal e Grécia, já que são muitos os pontos que unem as representações culturais das identidades portuguesas e grega. De facto, se os portugueses associam o período dos descobrimentos a um contributo fundamental para a hegemonia do ocidente na época moderna, já os gregos definem a sua identidade como o 'berço da civilização ocidental'. No entanto, tanto a experiência portuguesa, como a experiência grega tem sido marcada, pela periferização política, económica e cultural, no mundo moderno. Deste modo, a organização do campeonato, por um lado, e a vitória alcançada no relvado, por outro, constituíram oportunidades ímpares no resgate do prestígio português perdido. É nesta linha de pensamento que vão as palavras de Salomé Marivoet, ao evidenciar que as potencialidades do desporto moderno radicam no 'reequacionamento e redimensionamento de identidades e superioridades que recolocam na agenda a revalidação do simbólico, na expressão existencial das sociedades no quadro global' (p.126).

No capítulo 'Futebol, Mediatização e Afirmação de Identidades', a autora explora a relação que se estabelece entre as dimensões 'desportiva' e 'mediática' do próprio evento e as suas interacções com aquilo que designou por 'cidadania identitária' e 'identidade diferencial'. O futebol, mais do que qualquer outro desporto popular contemporâneo, encontra-se difundido à escala planetária, apresentando um elevadíssimo grau de comercialização. Os media exercem uma função determinante na heroificação dos ídolos de futebol, ainda que assente em propósitos diferentes daqueles que, noutras épocas, eram utilizados pelos regimes fascistas. Mais do isso, é fundamental a acção instigante dos meios de comunicação, junto do público português, o que permite compreender, em grande medida, o forte envolvimento emocional em torno da selecção, incluindo sectores da população que, normalmente, não demonstram interesse pelas competições domésticas de futebol.

Outro ponto importante, neste livro, é a análise das potencialidades do futebol, enquanto palco privilegiado de afirmação de identidades locais, regionais e nacionais. Particular atenção é dirigida às denominadas 'subculturas' de adeptos, associadas a actos de violência, simbólica ou real, que têm marcado presença em competições internacionais. A este propósito, a autora procura pôr em evidência as particularidades da cultura hooligan, de origem inglesa, e a cultura ultra, proveniente do norte de Itália. Enquanto os grupos hooligans são movidos, essencialmente, pela procura da violência, já as práticas dos ultras têm sido mais direccionadas para o apoio organizado ao clube, sendo utilizados artefactos pirotécnicos e outros elementos coreográficos. No entanto, a autora salienta também que parece existir um denominador comum para a partilha de uma atitude hostil do 'nós' face aos 'outros' e que, nas palavras de Salomé Marivoet, tem a sua génese numa cultura 'associada aos meios masculinos portadores dos valores tradicionais do estereótipo de masculinidade, caracterizado pela associação da força física à virilidade e à honra vingada' (p.123). Em complemento às ideias desenvolvidas pela autora, seria interessante lembrar que a celebração simbólica do espaço e do território, presente nas subculturas hooligan e ultra, com vista à recuperação das fronteiras, emerge no sentido inverso à orientação cultural, eco-

nómica e política, caracterizada por valores mais 'globais', mais cosmopolitas. Por outras palavras, e parafraseando Stuart Hall, estamos perante uma nova articulação entre o 'local' e o 'global' e não numa simples substituição do 'local' pelo 'global', como havia sido desenvolvido por alguns cientistas sociais.

As repetidas manifestações patrióticas, protagonizadas por largos sectores da sociedade portuguesa merecem, de igual modo, a atenção da autora, chegando, inclusive, a compará-las com as celebrações do 25 de Abril. Ainda que impulsionadas pelos media, as celebrações, pelas vitórias alcançadas pela selecção nacional, não devem ser, segundo Salomé Marivoet, entendidas, meramente, como estados 'excepcionais de delírio colectivo', tal como foi salientado por alguns críticos académicos. A este propósito, a autora realça a pouca adesão dos ultras portugueses (mas, também, italianos, espanhóis e franceses) em torno da equipa nacional, apesar dos apelos vindos da parte da federação portuguesa de futebol. Embora a autora escolha não o fazer, poderemos, na minha leitura, avançar com uma hipótese teórica que explique esta ausência, no Euro 2004, de adeptos tão emotivos, habitualmente, no apoio às 'suas' equipas. A fragmentação regional que caracteriza países como Itália, Espanha ou França inviabiliza, de algum modo, a presença de um sentimento de união, de identidade nacional. Para além disso, é significativo salientar que a sub-cultura ultra é intimamente dirigida à exaltação da diferença e, neste sentido, os ultras não se revêm em situações onde o conjunto da sociedade se encontra simbolicamente em causa.

Na última parte do livro, são analisados os actos de violência e outros comportamentos ilícitos que marcaram o Euro2004. Ainda que a competição tenha sido caracterizada pela escassez de episódios violentos entre adeptos das diferentes selecções, a autora encara esses episódios, porém, como 'uma manifestação do fenómeno de radicalização das potencialidades dos grandes eventos desportivos na expressão de identidades diferenciais no quadro global' (p.29).

O contributo desta obra reside na compreensão do papel do desporto moderno, a partir do futebol, na re-avaliação dos símbolos e marcas nacionais, abrindo a possibilidade de re-afirmação das identidades a uma escala mundial. É bem conhecido que o fute-

bol ocupa um lugar central na cultura popular, em Portugal. No entanto, a sua dimensão sociol-cultural não tem merecido a atenção crítica que merecia, por parte da comunidade académica. Deste modo, a obra de Salomé Marivoet apresenta um grande interesse para todos aqueles que procuram compreender a imensa complexidade da equação entre sociedade, cultura popular e futebol.

Pedro Almeida

Instituto Superior Miguel Torga

Giuseppe Granieri. 2006. *Geração Blogue*. Título original: *Blog Generation*. 2005. Roma-Bari: Laterza & Figli, Tradução: Maria das Mercês Peixoto. Lisboa: Editorial Presença. 150 pp. ISBN: 972-23-3573-1

Giuseppe Granieri, um dos especialistas europeus mais importantes em cultura digital, estudou o fenómeno dos blogs e procura, neste livro, mais do que responder, equacionar questões que relacionam a blogosfera com o jornalismo, media, política e o próprio conceito de democracia. Trata-se de um interessante trabalho sobre a comunicação como um processo de dimensão social e legitimação da opinião, colocando o cidadão – agora convertido em utilizador – no centro da discussão.

O autor começa por fazer uma pequena viagem pela história da Internet. Trata-se de uma análise fecunda acerca da evolução da Web no contexto da comunicação e da vida social. Os weblogs são apresentados, assim, como um 'caso exemplar para explicar como é divulgada a tecnologia' (p.30). O registo do primeiro weblog é de 1999, mas é a partir de 2003 e a guerra do Iraque que este universo se torna conhecido do grande público. 'No entanto, os blogues não são de modo nenhum uma coisa nova, pelo menos como tecnologia e como lógica' (p.31). Ainda assim, a credibilidade da blogosfera, ou a esfera dos weblogs, junto da opinião pública não é de todo positiva. Segundo Granieri, os media têm muita influência nesta situação. Não obstante, a verdade é que, desde 2003, o número de weblogs tem crescido de forma imensurável. Por outro lado, os principais órgãos de comunicação ocidentais têm vindo a contratar bloggers como seus colunistas,